ESTADO DO AMAZONAS

# Discurso

PROFERIDO POR


## Agnello Bittencourt

PROFESSOR DE GEOGRAPHIA GERAL DA ESCOLA MUNICIPAL
DE COMMERCIO DE MANÁOS


Na sessão solemne de entrega de diplomas aos Guarda-Livros graduados pelo mesmo Estabelecimento, em 15 de Fevereiro de 1914.

# ESTADO DO AMAZONAS

1943
Comp.

ESTADO DO AMAZONAS

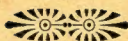
# Discurso

PROFERIDO POR

## Agnello Bittencourt

PROFESSOR DE GEOGRAPHIA GERAL DA ESCOLA MUNICIPAL
DE COMMERCIO DE MANÁOS

Na sessão solemne de entrega de diplomas aos Guarda-Livros graduados pelo mesmo Estabelecimento, em 15 de Fevereiro de 1914.

Off.as da Pap. LUSO-BRAZILEIRA
Abel d'Oliveira, Amorim, L.da
SÉDE PRINCIPAL
RUA AUGUSTA, 86 E 88—LISBOA

Ex.mo Snr. Dr. Superintendente Municipal de Manáos.

Ex.mo Snr. Representante do Snr. Dr. Governador do Estado.

Ex.mas Senhoras.

Meus Senhores.

Igdrazii, na velha Scandinava, era o emblema da natureza viva a manifestar-se radiante por todos os pontos do globo, como para exprimir a energia de que a vontade e o pensamento são os maiores expoentes. Protegida pelas divindades do Edda, a grande arvore symbolica enlaçava o mundo com as suas prodigiosas raizes, arrancando ao solo o humus fertilisante para alimentar a fronde gigantesca, á sombra da qual se podiam gozar as delicias de um paraizo povoado de anjos. O tronco immenso e altivo atravessava todas as phantasticas espheras e dava circuito á seiva que ia avigorar os mais afastados rebentos da estrellada cóma [1].

O mytho dos scandinavos, Senhores, é a propria humanidade a estender a sua influencia por todos os pontos da Terra. A portentosa arvore, porem, não poderia subsistir sem o movimento do seu vasto systema vascular, do mesmo modo que a especie humana, em sua socialisação ingenita, viria desapparecer a cohesão de interesses economicos que ligam os povos, pelo bem estar que todos aspiram sofregamente, se não houvesse o commercio que é como a abundante seiva de Igdrazil.

---

[1] Coelho Netto, *O Livro do Centenario*, vol. 2.º pag. 3.

A analogia é flagrante a quem, como nós, observa o papel que a actividade commercial opera no seio da civilisação.

Podemos mesmo affirmar que, depois da instrucção, é o seu mais decidido factor, tanto hoje como nos antigos tempos, quando as trocas apenas obedeciam ás necessidades immediatas dos negociadores, que, mesmo assim, com uma especulação rudimentar, já inauguravam os primeiros lineamentos da solidariedade economica entre os homens.

Permitti que vos falle do commercio, d'essa potencia que é o dynamismo do progresso das nações.

A festa de hoje, que enaltece a victoria dos que se destinam á agitada vida dos negocios ou dos que a esta querem prestar auxilio, comporta bem as pallidas considerações que o assumpto me sugere como desempenho da incumbencia que me pesa sobre os hombros. Quero, todavia, confessar que em outro professor deveria recahir a escolha do paranympho preferido pelos guarda-livros diplomandos, n'esta solemnidade, que só o talento e a vasta cultura consagrariam melhor. A infeliz preferencia do meu nome persuade-me que a modestia é algumas vezes exclusivista e que a sympathia, nos moços, em determinados momentos, falla mais alto que a razão.

Estarei, por isso, desculpado, contando com a vossa magnanima indulgencia.

O commercio, Senhores, desde as suas fórmas elementares até ás mais desenvolvidas relações do intercambio, é sempre o apparelho das trocas lucrativas, cuja funcção principal é manter o alargamento das transacções pelo crescente consumo dos productos, extractivo ou manufacturados.

As permutas, quer entre individuos quer entre nações, têm o prestigio de ampliar a producção, dando vida sobretudo ás industrias fabris e de transporte e permittindo o estreitamento dos laços de amizade, alem de garantir a confiança entre povos, ainda que afastados.

As primeiras manifestações de simples cortezia e affecto, de uma tribu a outra, provieram sem duvida das primeiras relações de commercio que tiveram. A necessidade dos negocios, no seio d'essa gente primitiva, concorreu para attenuar o afam constante da guerra em que ainda vivem os selvicolas de certos continentes. Os desejos da conquista tiveram de ceder logar ao amor do lucro immediato, para

logo pacificar os combatentes, a principio irreconciliaveis, mas já tendenciados a olvidar os tramas bellicosos pelos da especulação mercantil.

No entanto, os que se encarregavam de transaccionar os fructos da ultima colheita ou o resultado da derradeira pescaria, julgavam-se até incompatibilisados para um encontro cordeal, afim de accordarem sobre os preços e qualidades das suas mercadorias. A vigilia dos guerreiros da selva, porem, eclypsou-se na *entente* do pensamento mercantil. A conquista e o commercio tiveram de ser realmente duas fórmas de expansão social, quer na esphera juridica quer na esphera economica, como bem o pondera Oliveira Martins.

Uma narrativa antiquissima feita por Herodoto e repetida pelo testemunho de Cadomosto, sobre o modo de negociar dos carthaginezes e negroides do Niger, confirma o conceito de que as primeiras arvoradas do commercio foram exactamente as que a civilisação coetanea aproveitou para augmentar a area do seu dominio [1].

Vêde, Senhores, como, nesses obscuros tempos, eram effectuados os escambos:—naquella região africana os habitantes do sertão, quando careciam de sal e tinham ouro para *vender*, de mui longe vinham a determinados pontos do littoral, onde se encontrava, em monticulos, o ambicionado producto marinho. Os proprietarios deste assim expunham a mercadoria e, de distancia, esperavam as vantagens da offerta. Junto a cada porção de sal, os sertanejos collocavam uma certa quantidade da preciosa gemma e retiravam tambem. Voltavam os outros e verificavam se as offertas eram equivalentes. No caso affirmativo, estava consumado o negocio.

Se não, augmentavam-se as dóses do ouro ou desfazia a pretenção da troca. E assim os aborigenes do Niger levavam a termo as suas demoradas operações, todavia presididas pela mais leal honestidade, apezar dos transaccionisnistas não se verem, nem se conhecerem.

A experiencia, grande mestra, avisou-os das difficuldades deste systema. Foi mister approximarem-se e o commercio entrou em sua verdadeira funcção, creando-se e multi-

---

(1) *Regimen das Riquezas* pag. 29.

plicando-se os modos de comprar e vender. Com elles, as mil subtilezas do trafico.

O uso instituiu o instrumento do valor das equivalencias. Os povos barbaros utilisaram-se do gado (pecus), para referirem o preço das suas veniagas.

A *pecunia* dos romanos estabeleceu a unidade das referencias economicas. Na Grecia, as primeiras moedas tinham como signo um boi ou um carneiro, lembrança antiga do typo fiduciario em voga na vertente mediterranea.

Mas, o commercio, em sua generalidade, não passava de uma instituição embryonaria, sem outras convenções, nem leis: simples fórmula da futura socialisação dos homens, tendo o *producto* como medianeiro das relações que o tempo engrandeceu e engrandece ainda.

O intercambio e demais recursos do alto commercio, nem sequer eram vislumbrados entre os differentes agrupamentos coloniaes do mundo conhecido de então. A moeda desempenhava uma funcção toda local, que foi crescendo com a influencia dos mercados, até ultrapassar as respectivas fronteiras, como se dá ainda hoje com a loura e sorridente "libra„ ingleza, expressão dominante da pecunia moderna.

Estando a sociedade armada desse elemento que a convenção chrematistica houve por bem estabelecer, "já as trocas não se fazem na solidão muda da praia; já os homens não fogem medrosos de commerciar„.

Instituiram-se as feiras que attrahem, de muito longe, raças e povos diversos, todos de reciprocos interesses. Lingua, costumes, habitos, ideas, meios de agir, tudo ahi se fraternisa sob a visão seductora do lucro.

No tempo dos romanos, eram já vulgares essas grandes e cosmopolitas assembleas de compradores e vendedores. Por occasião das festas do Aventino reuniam-se, na Cidade Eterna, os representantes de toda a Italia: era o momento das bôas acquisições, nesses improvisados centros de negocio, que arrastavam todas as classes sociaes. Especiarias de todos os paizes nelles vinham ter: gado, generos agricolas, aves, escravos, pedras preciosas, perolas, perfumes, marfim, sandalo, purpura e outras manufacturas do Oriente enchiam a arena.

Constratavam os objectos de luxo, fascinação dos ricos, com os rebanhos e montes de cereaes ambicionados pelos pobres.

Sem caracter de opulencia, como as exposições de hoje, as feiras centuplicaram-se por toda a parte e deram ao commercio uma vida mais intensa e real, que passou a ser regulada por leis tantas vezes exigentes, no intuito de garantir os mutuos direitos dos transaccionistas.

E' verdade que nunca houve um codigo commercial antigo, mas, esses mesmos romanos, que foram os mais sabios legisladores do mundo, não esqueceram de amparar aquelles direitos contra as investidas do calote. O acto de permutar foi, por elle e desde logo, considerado como um importante contracto dependente de tantas formalidades a que ninguem se podia furtar, sob pena de nullidade.

Era assim que uma simples compra e venda — exclama o Dr. Inglez de Souza — dependia, para o acto, do comparecimento de um individuo que trazia uma balança, na qual era pesado o cobre que devia servir de pagamento; era preciso um certo numero de testemunhas que exprimissem a approvação da Curia a que pertenciam os individuos.

Durante o acto ou ceremonia achavam-se presos por uma cadeia, para significar que se tratava de um contracto que os prendia e do qual só podiam desligar-se executando cada um a sua obrigação. Só se admittia o pagamento do preço á vista, pelo que, se o comprador não pagasse, continuaria preso.

Por outro lado, os simples contractos verbaes dependiam, para a sua validade, da pronunciação de certas e determinadas palavras; não se contrahia uma obrigação, senão pronunciando as palavras de lei; se uma só faltava, o contracto estava nullo [1].

Quanta differença, Senhores, entre o mudo systema das praias daquelle rio africano e o formalistico e palavroso systema romano!

A honestidade já se tinha deixado entibiar para não mais ser o apanagio dos negocios. Fez-se de Mercurio, a um tempo, o deus dos commerciantes e dos ladrões. A profissão ainda não havia adquirido nobreza, levando Hazlitt a julgal-a digna sómente dos espiritos apoucados e propria

---

[1] *Prelecções de Direito Commercial* realizadas na Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro (1.º fasc. pag. 12).

de individuos sórdidos, incapazes de sair do caminho das conveniencias pessoaes [1].

A lei surgiu em amparo da classe, embora as decisões dos legisladores não tivessem um nexo, um criterio unico, como expressão de um direito commum que deveria ser.

Os jurisconsultos italianos Stracha, Cassarrezes e Scaccia são apontados como coodificadores desses elementos exparsos, na intenção de formularem a theoria do direito mercantil, theoria que inspirou a Colbert as "ordenanças" que foram — no dizer daquelle citado professor de Direito — o substractum do Codigo Commercial francez de 1807. Fonte subsidiaria das prerogativas de uma classe, cuja actividade se estende por todos os meandros do planeta, esse digésto inspirou, por sua vez, em nosso paiz, a coodificação de 1833 de que era encarregada uma commissão que tinha á sua frente José Clemente Pereira. Esse trabalho foi a génese da lei de 20 de Julho de 1850 ou, digamos, do Codigo Commercial Brazileiro.

E' força confessar, Senhores, que o commercio, a mais complexa das industrias, entrou definitivamente numa phase de estabilidade juridica que lhe assegura as garantias de exito, mesmo em longinquos paizes.

Os tratados internacionaes, que todos os dias se estão a celebrar, em nome dos interesses collectivos de uma politica de paz e de concordia, completam a liberdade profissional e a expansão do commercio, na sua maior plenitude especulativa. Hoje, com essa corrente avassaladora, não existem mais portos inaccessiveis á navegação. As cidades maritimas da Asia Oriental, outr'ora fechadas ao commercio europeo, passaram a receber a visita de todas as bandeiras, emblemas de força e, ao mesmo tempo, de cordealidade a unificar as raças nos *modus—vivendi* dos alludidos interesses mercantis.

Especie de Atlas em cujos hombros assenta o valor economico das grandes agremiações humanas, o commercio continúa a ser o baluarte do progresso das industrias e a causa da renovação constante da vida social hodierna.

---

(1) S. Smiles. *Ajuda-te,* pag. 300.

A "offerta„ e a "procura„ não só movimentam materialmente o mundo, como cream novas exigencias para a nossa intelligencia e para os nossos habitos. Não quero particularisar estes casos que dão singular feição ás sociedades adiantadas.

Faço notar, entretanto, que a industria e o commercio são o resultado do mesmo esforço e o intuito do mesmo pensamento, o que fez, sem duvida, Paul Deschenel affirmar que "quanto mais se desenvolve aquella, mais augmentam os estabelecimentos commerciaes„ (1).

Vejamos, Senhores, o espectaculo que agora se observa nos grandes centros da actividade mercantil, caracterisando a "phase febril„ (2) do senso especulativo.

Todos os homens estão imbuidos da idea de que as maiores fortunas provieram desse manancial e que o triumpho é tambem uma questão de tactica. Apontam os exemplos de Morgan, Carneggie, Rockfeller, Rothschild e outros. D'ahi, os camponios lançarem-se no borborinho das cidades, onde a visão da riqueza é tanto maior quanto o desejo de reinar sobre os demais mercados, impondo-lhes misera quotação aos seus productos. Todos porfiam em ser opulentos, embora á custa de uma injusta preponderancia que agrilhôa a milhões de individuos.

O que querem os homens, microscomos da propria sociedade, tambem ambicionam as nações. Parece ter razão Kropotkine quando diz: "O que a Allemanha, a França, a Russia, a Inglaterra, a Austria procuram conquistar, neste momento, não é a dominação militar: é a dominação economica. E' o direito de impor as suas mercadorias, as suas tarifas aduaneiras aos seus visinhos, o direito de explorar povos materialmente atrazados, o direito emfim de tomarem, de tempos a tempos, a um visinho, ou um porto para activarem o seu commercio ou uma provincia para nella descarregarem o excesso de suas mercadorias.

Abrir novos mercados, diz ainda, impor seus artefactos, bons ou máos, é esse o fundo de toda a politica actual„ (3).

---

(1) *Organisation de la Democratie*, pag. 5.
(2) Dr. Uria da Silveira, *A Riqueza Nacional*, pag.
(3) *Palavras de um revoltado*, pag. 70.

E para o seu *desideratum*, essas nações armam-se e fazem gastar sommas fabulosas, porque aquelles anhelos serão cumpridos um dia. Assim, a perspectíva da guerra tornou-se realmente a condição moral da velha Europa.

Os agentes diplomaticos são sentinellas avançadas da desconfiança bellicosa dessas potencias, que se valem ainda do pretexto commercial para sujeitar os povos fracos ás injuncções de suas tarifas. A politica e o commercio são corollarios do mesmo intuito...

O estadista e o commerciante agem, cada um por seu lado, no conseguimento desse ideal de dominio, que aquelles supportam porque não têm meios de repellir a tutella do capitalismo amparado pelos krupps e pelas bayonetas das milicias europeas.

A Inglaterra conseguiu realisar os anceios dos seus grandes homens. Senhora dos mares e de immensos capitaes sabiamente empregados, o commereio externo tem-n'a feito penetrar em todos os mercados e abrir novos emporios ao seu labor administrativo.

Ao lado da velha Albion, o Imperio do Kaiser olha para o Oriente, para esse Oriente meio mysterioso, onde milhões de braços e intelligencias lhes podem offerecer o recurso de sua energia. Ambos preparam uma corrente mercantil, nessa direcção, para—d'aqui a 50 annos talvez—estar contrabalançado a deficiencia da importação americana, ora largamente explorada pelo industrialismo daquelles paizes. A sagacidade dos inglezes e a prudencia dos allemães saberão colher larga e duradoura mésse nesse emprehendimento em que andará em jogo a fraqueza dos amarellos, da mesma forma que têm sabido tirar proveito da tolerancia e imprevidencia dos brancos, sua innumeravel "freguezia" dáquem Atlantico.

A India é uma região conquistada; os radjahs, satisfeitos por verem as suas provincias innundadas dos acreditados artigos de Reino-Uuido e valorisados os productos indianos, sentem agora que uma algema lhes pesa nos pulsos. E' tarde já.

Não conheço perigo maior para um povo que o de se compromettér economicamente aos inglezes.

O Egypto ahi está, como um sobreaviso, a nós brazileiros, que tanto amamos os emprestimos externos, a que uso chamar—vendas antecipadas do territorio nacional.

A onda de ouro com que o mais poderoso imperio deslumbra e attrahe as outras nações, faz refluir, em seu bojo immenso, os recursos commerciaes das pequenas metropoles.

A França é tambem um paiz argentario, que bem pode ufanar-se dos seus vultuosos emprestimos. Ella marcha a passos estugados para a realisação daquella perspectiva de dominio. Mas, convenhamos; os patricios de Shakspeare, dotado de outra educação psychologica, possuidores de um espirito de perseverança fleugmatica, hão de fazer, nesse particular, sombra espessa aos patricios de Voltaire. Em todo o caso vae operando a sua cubiçada expansão n'Africa e n'Asia e firmando melhor a reputação das suas industrias.

Em 1912 a sympathisada Republica fez transacções no valor de 14.943.000.000 de francos!

Uma differença para mais de 800.000.000 que no periodo anterior!

Alfred Picard, que durante um quarto de seculo tirou elequentes deducções dos algarismos colhidos nas alfandegas do seu paiz, concita os seus compatriotas a não confiar nesse progresso, quando ha diante da França, mais fortes concurrentes. Entre as medidas a tomar, recommenda a reforma da educação profissional e das instituições de ensino technico. Incita os negociantes a entrar em relações mais directas com os seus clientes estrangeiros. "Il faut rivaliser d'ardeur dans cette bataille perpetuelle des intérêts qui prend chaque jour, entre les nations vieilles ou jeunes, une âpreté croissante et dont depend pour beaucoup la puissance mondiale...„[1].

São palavras com que um jornal francez commentou a obra de Picard.

O mesmo conselho sae da bocca do Snr. Raymond Poincaré, por occasião da sua recente visita á Camara do Commercio de Marselha: "Vous soutenez—exclama elle—une cause sacrée qui est, dans une large mesure, celle de la patrie elle—même„.

A Austria, a Italia, a Belgica, o Japão e a India tambem sobem na maré montante do commercio. Os Estados Uni-

---

(1) *Le Temps,* de 25-10-913.

dos do Norte vão, no altaneiro dorso da grande vaga, a formar a hegemonia commercial do Novo Continente.

A Argentina, com um movimento de 25 % a mais, em 1912, tambem segue com o pampeiro da sorte em pôpa...

E o nosso caro Brazil?! Paiz de "Sonhadores e perdularios„[1], na expressão de um illustre deputado federal, o nosso *progresso* está na razão inversa do florescimento dos nossos visinhos do Prata.

Quasi insolvavel, o Thesouro Nacional geme ao peso de uma responsabilidade superior de 3.000:000 de contos de réis! Os Estados e os Municipios devem mais de 1.000.000, divida que cresce dia a dia!

As quotações dos nossos productos jazem decahidas, asphixiando o commercio sob a tremenda crise que arruina a mais ubertosa região americana, emquanto o paiz do Snr. Zeballos, com uma população cinco vezes menor que a nossa, realisa um movimento mercantil que é quasi o duplo do brazileiro.

O valor da importação acompanha a decadencia da exportação, symptoma dessa morte lenta e cheia de agonias que o commercio nacional está soffrendo [2].

Sem navegação de grande curso, sem bandeira nos portos de alem, desacreditados pelos esbanjamentos e pelas constantes fallencias, somos como o Prometheu da fabula: presos sempre, sobretudo agora, aos tentaculos da especulação estrangeira.

Já eu disse que o estadista e o commerciante se completam na obra do engrandecimento da patria.

No Brazil, porem, este permanece excluido da acção conjuncta, porque aquelle vive preoccupado com as futili-

---

[1] *Discurso* do Snr. Carlos Maximiliano proferido na Camara dos Deputados Federaes, no dia 27-11-1913.

[2] Durante os seis primeiros mezes do anno recem-findo o commercio franco-brazileiro accusa a seguinte estatistica, em comparação ao mesmo semestre de 1912: Exportamos a menos 792.660 kilogrammas de café; 1.302.853 k. de borracha; 1.475.268 k. de couro; 4.147.675 k. de cacáo. O valor total da exportação foi de 691.070.944 francos contra 769.298.440 francos em 1912 ou sejam a menos 78.227.596 francos! Quanto a importação tivemos: (1.º Semestre de 1912) 744.636.337 fr.; (1.º Semestre de 1913) 864.338.703 fr. Vê-se d'ahi que a importação cresceu e diminuiu a exportação.

dades partidarias, que lhe absorvem as melhoras energias e lhe estiolam o sentimento do civismo.

O commerciante, está, todavia. no seu posto de honra, resistindo ás emergencias que o descredito—filho espurio das más administrações—lançou neste infortunado paiz.

E a sua tenacidade não é de hoje.

O estabelecimento da *Companhia de Commercio do Brazil,* [1] em 1649, cujo projecto se deve ao celebre padre Antonio Vieira, a abertura dos nossos portos a todos os pavilhões amigos, a recente creação da *Camara do Commercio Internacional do Brazil,* auxiliada pela Federação das Associações Commerciaes, devido á brilhante iniciativa do Barão de Ibirocahy, fecham o circulo official da nossa historia mercantil.

As *Camaras Mixtas,* que se pretendem organisar nos principaes mercados do commercio nacional, "como insuspeitos elementos da nossa politica de expansão„ [2], no dizer de um chronista, representam o ultimo e supremo esforço da laboriosa classe interessada na conquista da nossa independencia economica.

Oxalá que um dia, nós, de cabeça erguida, possamos exclamar, como Afronio Peixoto: "Marchamos para uma socialisação do mundo, numa reforma profunda das nossas instituições economicas, diante da qual as revoluções politicas serão apenas comparaveis a estremecimentos ridiculos de superficie„.

Oxalá que adquiramos prestigio para os productos dos nossos campos e das florestas, unicos mananciaes da riqueza patria, e que os dirigentes desta nação grande comprehendam a funcção social do commercio e que possam, della fazer uma grande nação!

Ruy Barbosa, o mais insigne dos brazileiros, é que sabe dizel-o, nas seguintes phrases: "Ultima expressão de todos os interesses economicos, o commercio é, por excellencia, a móla politica das sociedades modernas. Nelle jaz a base da liberdade contemporanea, que vive do trabalho, do credito e da circulação entre os povos realmente prosperos e felizes.

---

[1] Rocha Pombo, *Hist. do Brasil,* v. IV pag. 619.
[2] *A Esfinge,* pag. 476.
[3] *Jornal do Comercio,* do Rio, 20-8-1912.

Haja vista a liberdade suissa, a liberdade belga, a liberdade americana. Nelle outrosim, reside, entre as grandes potencias do mundo, a chave da paz e da guerra.

Embora os armamentos cubram a terra, quem dispõe da sorte dos Estados, quem lhes assegura a tranquillidade ou arrasta á lucta, são as relações, as aspirações, as questões commerciaes. Não pode, pois, haver um commercio indifferente, um commercio impolitico, um commercio neutro nos grandes problemas externos ou internos de um paiz.„

Senhores! Depois destas palavras que soam, aos nossos ouvidos, como um inspirado hymno, devo terminar dizendo que realmente o commercio é a seiva, a vida de Ygdrazil, symbolica mas sublime encarnação da natureza humana.

Salve! aos que a elle se dedicam.

Senhores guarda-livros: A tarefa que me impozestes está terminada, como terminado vae o vosso tirocinio de abnegação ás aulas deste Estabelecimento. Começa para vós outra ordem de responsabilidades, desta vez maiores e mais serias. (1) Rendo homenagem á tenacidade do vosso esforço e ao sacrificio quasi heroico que fizestes, trocando as horas do descanço e do prazer pela continuação fatigante do trabalho, na espectativa do triumpho que hoje alcançastes. Vós sois uns fortes para quem certamente estão abertas as portas da felicidade. Meus parabens, em nome da Congregação desta Escola.

Um protesto solemne de um duplo e sincero reconhecimento, por todos nós, devo aqui deixar: á benemerita Associação dos Empregados no Commercio de Manáos, que tem sido um dos sustentaculos desta Instituição de ensino profissional, e á illustre assistencia que veio trazer, a esta solemnidade, o brilho encantador da sua presença.

Tenho dito.

---

(1) Lei n.º 2024 de 17 de Dezembro de 1908, que responsabilisa criminalmente os guarda-livros pelos seus actos, nas casas de commercio.

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura